

Desenvolvemos a biodiversidade nas nossas autarquias!



Tradução da brochura "Développons da biodiversité dans nos communes" da associação de município SIAS (Luxemburgo), por Claire Smith, edição por Paulo Tomás – Movimento Sintra sem Herbicidas, em colaboração com a Campanha Autarquias sem Glifosato/Herbicidas – Quercus ANCN. Original disponível em: <http://www.sias.lu/dl/sias%20brochure.pdf>,



**LE GOUVERNEMENT
DU GRAND-DUCHÉ DE LUXEMBOURG**
**Ministère du Développement durable
et des Infrastructures**

Administration de la nature et des forêts



Prefácio

1 -Criação de novos ordenamentos

1.1 – Formas de vegetação próximas da natureza

1.2 – Substratos pobres/fracos

1.3 Muros

2 – Extensificação da manutenção

2-1 Roçagem

2-2 Poda das sebes

2-3 Poda das árvores

2.4 Manutenção dos espaços de passagem e dos muros

2-5 Folhas mortas

Prefácio

Caros cidadãos,

As nossas aldeias, vilas ou cidades têm muitos espaços públicos não construídos: ao longo da infra-estrutura rodoviária ou ferroviária, nas calçadas, na área circundante às infra-estruturas desportivas ou culturais, aos edifícios públicos, às instalações industriais, aos estacionamento, etc. A área ocupada por estes espaços é muito grande. Justifica-se valorizar essas áreas para fins ecológicos, a fim de proteger a natureza hoje sob pressão devido ao enorme crescimento demográfico no Grão-Ducado.

Os decisores políticos têm muita liberdade no que respeita à planificação desses espaços públicos não construídos e deveriam aproveitar todas as oportunidades que se lhes oferecem para legislar neste sentido. Neste campo, quase não existem prescrições a respeitar contrariamente à regulamentação exigida à construção civil, a qual deve submeter-se a regulamentos precisos e vinculativos. Estabeleceu-se a ideia no Grande Ducado que os espaços públicos não construídos devem ser desprovidos de vegetação natural para parecerem limpos e arrumados. O melhor exemplo é o Tour da Europa em Kirchberg: algumas árvores, alinhadas de maneira estéril vigiam tal um eunuco num harém de lajes de cimento.

Essa visão das coisas é um erro sério. Pelo contrário, os espaços públicos mantidos de uma maneira mais eco-responsável – em oposição à manutenção de espaços estéreis – reforçam a imagem de marca da comunidade, melhorando a qualidade de vida, aumentando a biodiversidade e emitindo o sinal de uma civilização que aproveita todos os seus espaços para um futuro em harmonia com a natureza.

A associação intermunicipal do SIAS, bem como a Administração da Natureza e Florestas, vão doravante colaborar com as Autarquias e as administrações do Estado para implementar ações voltadas para a valorização ecológica dos espaços públicos. Numa primeira fase, serão realizados projetos-piloto em locais bem específicos. Será uma questão de tornar a manutenção da vegetação menos extensiva, modificar ou renovar o planeamento de determinados espaços (canteiros, ilhotas, canteiros das árvores).

Queremos mostrar neste boletim exemplos de boas práticas relativas ao ordenamento de espaços públicos no Luxemburgo e no estrangeiro e informá-lo das importantes vantagens que delas decorrem. Contamos com a sua compreensão e com seu apoio se, no futuro, a manutenção de espaços verdes no seu município será feita de forma mais extensiva e mais respeitadora da natureza. Este boletim de informação o incentivará eventualmente – pelo menos é o que esperamos – a agir de acordo com os mesmos princípios de preservação da natureza que aplica nos seus espaços verdes privados.

Desejamos-lhe boas leituras,

Nicolas Welsch, Presidente SIAS

A abordagem da gestão ecológica e da manutenção extensiva dos espaços verdes em meio urbano e das beiras das estradas visa tornar o meio ambiente das áreas urbanas, (estradas, calçadas, praças públicos, estacionamento etc.) mais próximos da natureza e mais adequado à vida humana.

Para implementação destas práticas, há que distinguir entre a criação de novos ordenamentos e extensificação da manutenção.

1. Criação de novos ordenamentos

Os princípios mais importantes estão relacionados com a instalação, na área a intervir, de formas de tipos vegetação próximas das formas encontradas na natureza (1.1)), o recurso a substratos pobres (1.2) e as oportunidades quando da construção de muros (1.3).

1.1 Formas de vegetação próximas da natureza

Quase todos os projectos de construção incluem a vegetação dos arredores das construções. Quando a vegetação é instalada por meio de plantações ou sementeira, os seguintes critérios deveriam ser atendidos:

- Uso exclusivo de espécies vegetais nativas e cumprindo as condições estacionárias, tanto para as espécies arbóreas como para as espécies arbustivas e espécies lenhosas.

- Isenção de todas as medidas para impedir o desenvolvimento espontâneo da vegetação herbáceas por baixo das árvores lenhosas plantadas, a saber:

- Renunciar ao depósito de lascas de casca,
- Renunciar ao uso de herbicidas
- Renunciar ao uso de plantas de cobertura do solo não-nativas
- Não revolver solos por debaixo de plantas lenhosas.

Os chamados prados "floridos" podem ser implementados vantajosamente por sementeira directa. Convém garantir que a mistura de sementes se presta à criação de comunidades vegetais permanentes, formando prados e rico em espécies.



Foto 1: Adaptação ecológica de um parque de estacionamento com substrato pobre, vegetação herbácea e árvores de espécies autóctones.



Foto 2: Prado rico em espécies e em flores.



Foto 3: Exemplo negativo: Recurso a espécies de plantas não autóctones. A colocação de casca de árvores iniba o desenvolvimento duma vegetação espontânea de herbáceas naturais.



Foto 4: Ordenamentos ecológicos duma área de jogos em substrato magro com vegetação espontânea.

1.2 Substratos pobres

Por regra, as áreas plantadas são compostas por um solo orgânico, enquanto que as superfícies de circulação são construídas com asfalto ou com betão. As duas categorias de pavimento são delimitadas de forma estrita por bordas construídas.

Na abordagem ecológica, usamos substratos pobres em nutrientes. Estes serão provavelmente colonizados por vegetação e ao mesmo tempo possuem resistência necessária para suportar o tráfego de veículos e dos peões. São permeáveis à água e, assim, contribuem para o escoamento das águas da chuva urbana.

A vegetação pode crescer de forma mais ou menos intensiva, dependendo da intensidade do tráfego.

Assim são formadas transições fluidas/harmoniosas. Os materiais adequados são a pedra britada, pavimentos empedrados e sistemas de coberturas de solo alveolares.



Foto 5: Gestão das plantas de forma próxima da natureza em substrato fraco. Transição fluida/harmoniosa entre as superfícies vegetalizadas e superfícies de circulação, ambas constituídas por pedra brita.



Foto 6: Adaptação ecológica conseguido dum caminho pedonal em meio rural.



Foto 7: Canteiro para árvore com substrato de brita. Aspecto novo após intervenção.



Foto 8: Desenvolvimento da vegetação em substrato pobre.



Foto 8. 1: Nos espaços de circulação pedestre a vegetação é inibida.



Foto 9: Crescimento espontâneo em calçada com pisoteio.



Foto 10: Crescimento espontâneo sem pisoteio.

1.3 Muros

1.3 Muros

As paredes são elementos significativos na área de construção e dos espaços verdes. Considerando que eles são propensos a serem colonizados de forma mais ou menos importante pela vegetação, revestem-se de alguma importância para o planeamento ecológico por razões ecológicas e paisagísticas.

Em princípio, nas paredes podem formar-se biótopos para plantas e animais: nas juntas entre as pedras, na base da parede, onde o material desintegrado se acumula.

Existem maneiras de distinguir os seguintes tipos de paredes de acordo com a capacidade decrescente de se cobrir com a vegetação:

- Muros de alvenaria seca
- Muros com argamassa de calcário
- Gabiões (cestos de pedra)
- Muros ciclólicos
- Muros com argamassa de cimento
- Muros californianos
- Muros de betão

A vegetação, mesmo a vegetação lenhosa, não destrói necessariamente a parede, mas também pode ajudar à sua estabilidade, já que as raízes geralmente formam com pedras um emaranhado relativamente coeso ou uma cobertura vegetal que protege contra a erosão (hera, mantendo paredes secas em locais arborizados ou arbustivos).



Foto 11: Muro com vegetação lenhosa.

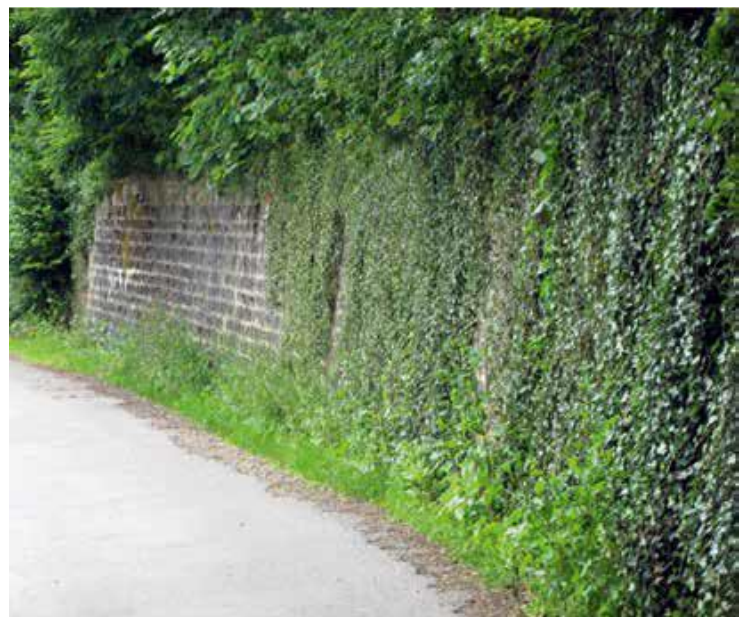


Foto 12: Desenvolvimento espontâneo no topo do muro, nas juntas entre as pedras e no pé do muro.



Foto 13: Exemplo típico duma vegetação espontânea junto ao caminho pedonal e do muro.



Foto 14: Visão de futuro: compatibilidade entre natureza e edifícios.

2. Extensificação de manutenção

De acordo com uma abordagem ecológica, a vegetação é adaptada às condições locais e requer muito menos manutenção. As medidas mais importantes da manutenção é o roçar (2.1), o corte das sebes e dos arbustos (2.2), poda de árvores (2.3), manutenção das áreas de passagem e dos muros (2.4) e apanha de folhas mortas no Outono (2.5).

2.1 Roçar

Dependendo da intensidade do corte, diferentes formas de vegetação podem vir a constituírem-se, como mostra o quadro abaixo:

Frequência do roçar	Tipo de vegetação
Sem roçagem	Áreas de desenvolvimento livre (floresta, sebes)
Roçar todos os 2-5 anos (no verão)	Baldios com herbáceas
Roçar anual (no verão)	Prado com erva alta
Roçar na primavera (antes da floração das ervas) e se necessário um segundo corte no verão	Prado com erva baixa
Roçar convencional (mais de duas vezes ao ano)	Relvado

Nos espaços verdes ao longo das estradas, bem como em ambiente urbano presta-se acima de tudo o prado de erva curta. É cortada pela primeira vez na primavera, antes de a erva atingir a sua altura máxima e antes de desenvolver as suas flores. O crescimento da erva após este corte, a "retoma", não atinge a mesma altura que antes do primeiro corte na primavera. É por isso que as plantas de flores, geralmente menos altas que as ervas, uma vez libertas da competição destas últimas, podem desenvolver-se após esse primeiro corte na primavera. Quando, nos anos chuvosos, em substratos ricos em nutrientes ou em áreas sombreadas, a "retoma" atinge bastante altura, justifica-se então proceder a um segundo corte no verão. A erva não deveria mais ser cortada no outono (a partir de setembro), a fim de manter estruturas naturais durante o inverno.

Prados altos podem ser muito bonitos, mas são relativamente difíceis de manter. Eles podem crescer na primavera até chegarem à sua altura máxima, florescerem e produzirem as suas sementes. Após um único corte no início do verão, um novo corte no mesmo ano não será mais necessário.

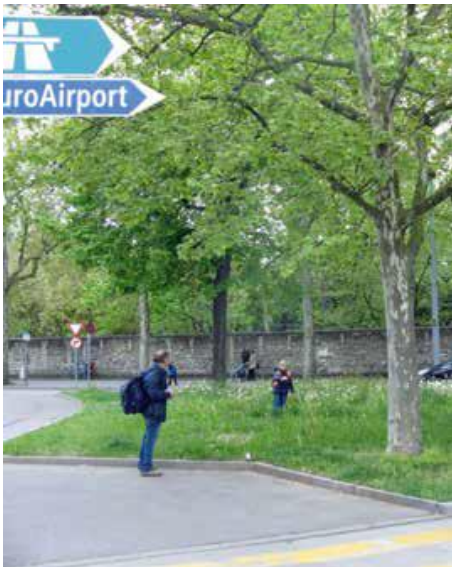


Foto 15 : exemplo de prado de erva baixa



Foto 16: exemplo de prado de erva alta



Foto 17: formas de prados parecidos com a natureza tornam possíveis infinitudes de sensações e de experiências na natureza



Foto 18: Cortes efectuados com demasiada frequência e inúteis fazem-se em detrimento da biodiversidade



Foto 19: Assim não deveria apresentar-se uma área tão parecida com a natureza em meio urbano. A manutenção deveria ser feita antes de aparição de vegetação problemática.

2.2 Corte das sebes

Os arbustos solitários e sebes devem poder desenvolver as suas formas naturais.

Especialmente aqueles situados em áreas verdes espaçosas e afastados das zonas de circulação, não devem sofrer podas.

Nos locais onde existem problemas de visibilidade para a circulação de automóveis (encruzilhadas, saídas de garagem, passagens para peões, etc.), não se deveriam plantar arbustos solitários ou sebes, porque devem ser podadas a alturas não naturais através de podas muito importantes.

No âmbito de uma manutenção próxima do estado natural, deve-se renunciar sempre, aos três tipos das intervenções seguintes:

- a) Renunciar à poda de arbustos solitários e sebes, ou seja, ao remover os ramos inferiores,
- b) Renunciar à poda com formas geométricas, isto é, ao corte anual em forma de um pequeno cubo ou uma pequena esfera,
- c) Renúncia ao corte sistemático em forma de caixas, em particular ao corte anual das sebes bordejando os caminhos ou nos limites das parcelas.

É particularmente interessante limitar a poda de um arbusto solitário ou sebe, para que eles possam formar um telhado sobre a área de circulação, como uma estrada, calçada, caminho pedestre ou ciclovia.



Foto 20: Formas naturais permitem o desenvolvimento dos arbustos e das sebes ao longo das estações, da floração à frutificação.



Foto 21: Tectos naturais por cima de um caminho animam a imagem duma localidade.

2.3 Poda de árvores

No âmbito de uma abordagem que respeita a natureza, as árvores devem poder desenvolver suas formas naturais. Um corte é necessário apenas se a árvore obstruir o tráfego rodoviário ou de pedestres.

Apenas deve-se limitar o tamanho do corte ao volume do tráfego. Para esse fim, não é necessário cortar os galhos abaixo do nível do tronco da árvore, mas apenas encurtá-los consoante a necessidade da circulação.

A forma natural das copas das árvores, que no passado sofreram poda excessiva, pode ser restauradas, renunciando à remoção anual dos ramos jovens (com excepção dos que tapam a visibilidade, dos situados imediatamente em frente às casas em duma área construída).



Foto 22: Exemplo de uma poda limitada ao perfil da circulação, ou seja uma poda guiada por exigências reais.

2.4 Manutenção das áreas de circulação e paredes.

A vegetação que cresce nas juntas (também chamada de vegetação espontânea), que se desenvolve nas juntas dos paralelepípedos ou lajes em áreas para pedestres, em lugares públicos, ao pé das paredes, nas caleiras, deve ser tolerada. O uso de herbicidas é proibido. Se necessário, basta corte das ervas uma vez no verão.



Foto 23: A vegetação nas juntas dos paralelepípedos de cobertura de solo pode ser cortada uma vez no verão se necessário.

2.5 Folhas mortas

A apanha das folhas mortas, que deve ser feita em áreas de circulação para razões de segurança, não deve ser feita de maneira sistemática em prados e relvados. Sob as árvores podem se estabelecer num prado espécies de plantas de flores que suportam a cobertura periódica por folhas mortas no outono e inverno.

As mesmas espécies estão adaptadas à sombra gerada pelas árvores. Desta forma, um prado com as árvores pode ser valorizado a nível ecológico e estético.

Um espaço verde, coberto pelo menos parcialmente com folhas mortas no outono, pode ajudar a promover a consciência das estações do ano entre os moradores da cidade.



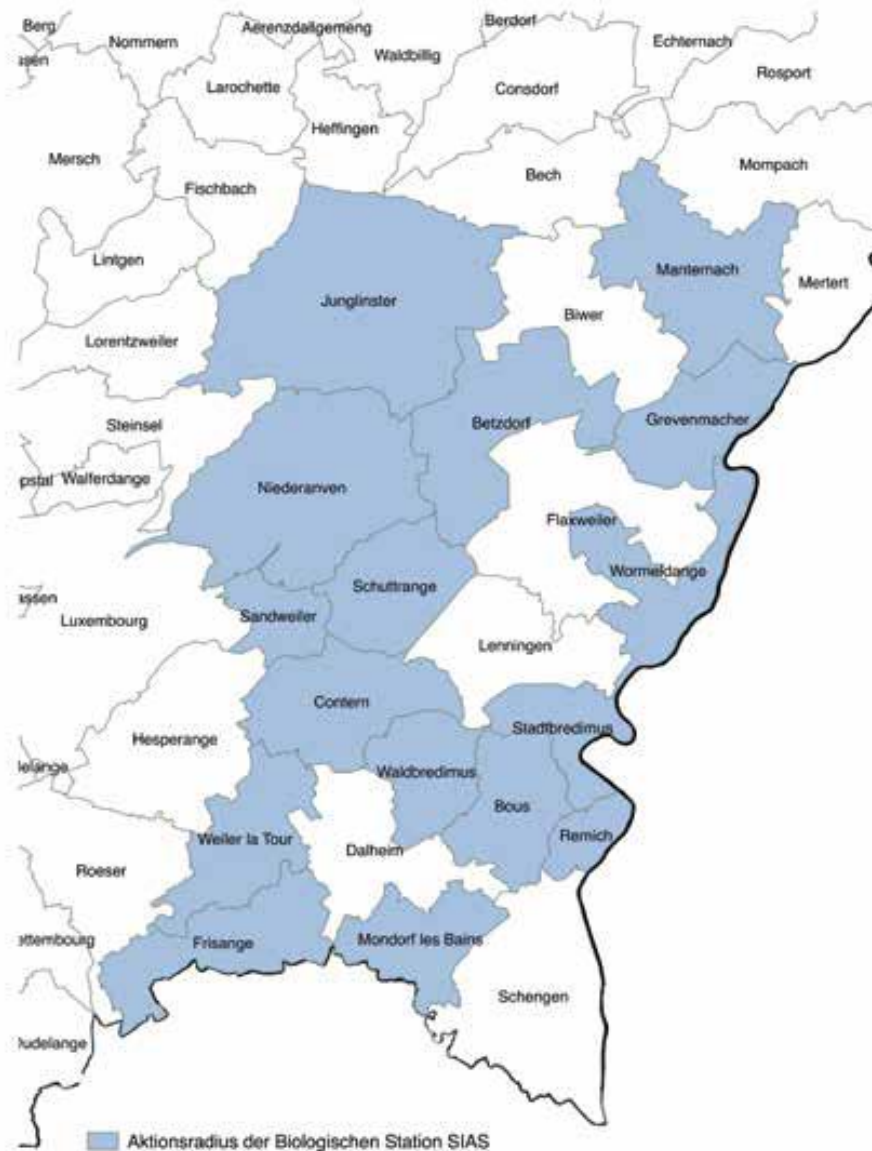
Foto 24: Não é necessário retirar as folhas mortas dos prados.

A estação biológica da união intercomunitária SIAS

A Estação Biológica SIAS garante a realização de projectos em relação à conservação da natureza em 16 municípios pertencentes à união SIAS.

As tarefas incluem:

- Recolha de dados científicos em nome do Ministério do Ambiente
- Consultoria a municípios, cidadãos e agricultores no campo da protecção da natureza
- Desenvolvimento e realização de projectos concretos no terreno.



Syndikatsvorstand SIAS / le comité du syndicat SIAS:

Nicolas WELSCH (Präsident / *Président*)

Jean-Jacques ARRENSDORFF (Vizepräsident / *vice-président*)

Simone MASSARD-STITZ (Mitglied Syndikatsbüro / *membre du bureau*)

Jean SCHILTZ (Mitglied Syndikatsbüro / *membre du bureau*)

Jacqueline BREUER

Jean-Pierre KAUFFMANN

Guy LORENT

Raymond WEYDERT



Arbeitsgruppe zur Ausarbeitung dieser Broschüre / *Groupe de travail pour élaboration de cette brochure:*

(v.l.n.r./ de g. à d.):

Lisy Hetting, Gemeindeeinerin / *receveur SIAS*

Nicolas Welsch, Präsident SIAS

Patrick Olinger, Gemeindesekretär / *secrétaire communal SIAS*

Jean-Claude Kipach, *Chef de service Nature*, Natur- und Forstverwaltung

Marc Thiel, Biologische Station SIAS

Doris Bauer, Biologische Station SIAS



**LE GOUVERNEMENT
DU GRAND-DUCHÉ DE LUXEMBOURG**
**Ministère du Développement durable
et des Infrastructures**

Administration de la nature et des forêts



81, avenue de la Gare 5, rue de Neuhaeusgen L-9233 Diekirch L-2633 Senningerberg Tel.: 40 22 01-
1 Tel.: 34 94 10 26, -27 www.emwelt.lu www.sias.lu